



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

LUSITANOS, LÍGURES E CELTAS.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1891 | Número: 8

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Lusitanos, lígures e celtas. *Revista de Guimarães*, 8 (1) Jan.-Mar. 1891, p. 5-28.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

LUSITANOS, LIGURES E CELTAS

(Continuado do volume anterior, pag. 182)

III

No terceiro trecho da sua diatribe vai o snr. Coelho «em parte resumir, em parte completar a sua discussão ácerca da ethnologia da Lusitania antiga»; e, começando por este quesito — *houve ligures na Lusitania?* — explora os textos — os dados archeologicos, ethnographicos — os dados anthropologicos — os dados glottologicos — os dados chronologicos — tudo isto em 8 paginas e 5 $\frac{1}{2}$ linhas — para concluir... o que vai vêr-se.

1.º *Os textos.* «Nenhum texto classico, diz o sabio professor, falla de ligures em toda a faixa occidental da peninsula correspondente á Lusitania romana e á Callæcia... Baseado nos textos só pôde fallar-se dubitativamente de ligures n'outra parte da peninsula».

Somma: textos fallando de Ligures na Lusitania e na Galliza — zero; textos fallando de Ligures n'outra parte da Hispanha — um ponto d'interrogação.

Sempre examinemos a somma por parcelas. O illustre professor conhece tres textos, de que faz quantidades negativas, mas resta saber se effectivamente o são. Encontra-se o primeiro texto na *Ora Maritima* d'Avieno (V. 195-8), dando-nos uma noticia, com certeza extrahida d'um periplo phenicio do

seculo vi, a. C. (opinião de Müllenhoff). Ahi se nos diz que os Cempses e Sæfes habitam *Ophiusæ in agro* e *propter hos*, na parte mais septentrional, os Ligures e Draganes. Discutindo esta passagem n'um estudo, que o snr. Coelho tem apontado e continuará a apontar á execração publica, sustentei eu contra a opinião de Müllenhoff e outros que era impossivel, sem violar a lettra e o espirito do texto, collocar os quatro povos da nossa noticia fóra d'Ophiusa; e, como a Ophiusa do periplo e a parte da Hispanha comprehendida entre a hahia do Sado e o Mar Cantabrico eram uma e a mesma coisa, conforme as demonstrações do proprio Müllenhoff, e a parte mais septentrional da Hispanha é a actual Galliza, sustentei egualmente que só aqui podiam ser localizados os Ligures e Draganes. Aos argumentos que desenvolvi no meu infamado estudo oppõe o snr. Coelho as seguintes razões: 1.^a (e no logar de honra) que a minha interpretação a seu vêr é inadmissivel; 2.^a, que está em desaccordo com a de Müllenhoff e outros. Irresistivel argumentação!

O segundo texto encontra-se ainda na *Ora Maritima* e provavelmente tambem é reproduzido do periplo. Menciona elle um «Ligustinus lacus, de que sahia o Tartesso», inquestionavelmente o actual Gualdaquivir. Para o snr. Coelho este texto só «dubitativamente» falla de Ligures na Hispanha. Sim, o nome de Ligustinus só dubitativamente se refere a Ligures.

O terceiro texto é de Stephanus de Bysancio; menciona uma «Ligustina, cidade dos Ligures, não longe de Tartesso». Este texto tambem só dubitativamente falla de Ligures, porque «pôde vir da mesma fonte»¹ que o antecedente. Sim, esta fonte, sendo a mesma e mencionando Ligures com todas as

¹ Aviso aos ingenuos. O snr. Coelho manda vêr duas passagens de Müllenhoff (*Deutsche Altertumskunde*, I, 81-82, 136-137) e uma de Jubainville (*Les premiers habitants de l'Europe*, 1^o, 379-380), devendo acreditar-se que todas ellas favorecem a idéa de que o texto de Stephanus e o d'Avieno provêm d'uma mesma fonte. Na segunda passagem de Müllenhoff, por mais que se bata o texto e as notas das duas paginas, nem uma allusão sequer pôde caçar-se referente ao nosso caso. É na primeira que o auctor aventura a supposição de que as noticias de Stephanus e d'Avieno viessem da mesma fonte. Jubainville, esse suppõe precisamente o contrario e, mostrando sempre certa veneração por Müllenhoff, d'esta vez nem a sua opinião discute. E parece que com justos motivos. As divergencias entre as duas noticias são de

letras, ainda deixa duvida se o « lacus Ligustinus » se referia a Ligures; sendo diversa, não aclara do modo mais completo a noticia do periplo.

Estas extravagancias apontam-se, mas seria caloirice comental-as. A verdade é que os tres textos são d'um valor inestimavel para quem estuda com mediana seriedade a ethnologia da peninsula iberica, e basta vêr a sem-ceremonia com que o sabio professor se descarta d'elles, para se ficar percebendo que tornou a entrar em scena o heroe de Regnard

... il cherche, il tourne, il brouille.

Desnecessario é accrescentar depois d'isto que, além dos tres textos supra, ha pelo menos mais dois, um de Thucydides, outro d'Eratosthenes, ambos os quaes já citei em algues: fossem elles cinco ou cincoenta, claro está que, riscados tres e sumidos todos os outros, não ficava nenhum. Observarei sómente que, mesmo dado o caso que nenhum escriptor antigo conhecesse o ethnico de Ligures na Hispanha, nada provaria isso contra a existencia de povos liguricos n'esta região, no sentido em que os tomo (arias pre-celticos), uma vez que, por exemplo, o onomastico, a archeologia, etc., a affirmassem. Vê-se, porém, que aos meus Ligures não falta sequer aquelle sacramento de baptismo.

*

Tendo aviado em oito linhas e uma nota de cinco o seu assumpto principal, gasta o snr. Coelho quarenta e cinco e tanto a esmiuçar as causas, por que no meu ignobil estudo da *Ora Maritima* adoptei a lição *arvi jugum* e não a d'*Aryi jugum* preferida por Müllenhoff.

Que pôde haver de commum entre a topographia da *Ora Maritima* e os textos relativos a Ligures? É obvio que coisa nenhuma; mas, tendo-se presente que o fim exclusivo

tal feitto, que o proprio Müllenhoff em vista d'ellas é obrigado a explical-as pela liberdade poetica d'um grammatico e d'um compilador, como Stephanus. *Trop fort!* e, se arredamos a liberdade poetica, de que Müllenhoff com mais razão pôde ser accusado, a dualidade das fontes impõe-se como coisa certa.

do snr. Coelho é descompôr-me, tambem não deixa de ser obvio que vem sempre a proposito toda e qualquer desanda e em toda e qualquer occasião.

Sofframos o novo martyrio com toda a resignação. Trata-se ainda da obtusidade do meu senso critico e, já se entende, da acuidade do do sabio professor. Karl Müllenhoff, começa elle dizendo, para assestar as suas baterias, admittiu a lição *Aryi jugum* por vêr nos versos taes e taes um nome proprio, como outros já tinham visto, e d'accordo com Ukert identificou o promontorio, que o sobredito nome designava, com o cabo Silheiro á sahida da bahia de Vigo. « O snr. Sarmento, continúa o sabio professor, diz que a lição de Müllenhoff é gratuita; pelo menos (palavras minhas) nenhuma razão vêmos no seu livro que possa justificar-a ».

É a verdade pura. Por não vêr no livro de Müllenhoff razão nenhuma que justificasse a lição *Aryi jugum*, fiquei-me com a *d'arvi jugum*, que encontrei no texto que me servia de guia ¹.

Pois ahi está já uma das provas da minha myopia intellectual e da perspicacia rara do sagaz professor; porque, onde eu não vi razão nenhuma, descobriu elle nada menos que duas camadas de razões, razões « em parte claras » e razões « em parte latentes ».

Razões em parte claras: lá estão no verso tal e tal, que mostra o promontorio virado para o septentrião — « o que, segundo a observação triumphante do snr. Coelho, não pôde dizer-se de modo algum do tal Monte Dor ».

Mas como é que um verso mostrando o promontorio virado para o septentrião levou Müllenhoff a preferir a lição *Aryi jugum* a outra qualquer? É que a palavra *Aryi* significa septentrional ou coisa que o valha? Não; ninguem sabe o que esta palavra significa, nem se sabe mesmo se, em vez d'*Aryi*, se ha de lêr *Arvii* ou *Aryium* ²; e sendo assim, como é incontestavelmente a razão « em parte clara », descoberta pelo snr.

¹ O da edição de Panckoucke. Para lhe ficar fiel, escrevi *arvi* com um *a* pequeno, bem que considerasse *arvi jugum* como uma denominação geographica — o que não fizeram, por exemplo, Despois e Saviot. Creio que a minha fidelidade com relação ao *a* pequeno não contribuiu pouco para o meu descredito.

² Em vista da edição critica d'Holder, que, diga-se de passagem, foi publicada sete annos depois do meu estudo.

Coelho, é uma d'essas razões, a que um francez daria euphemisticamente o nome de *coq-à-l'âne*. O melhor, porém, é isto: tendo Müllenhoff adoptado a lição *Aryi jugum*, porque taes versos lhe mostravam o promontorio voltado para o septentrião, iria, d'accordo com Ukert, identifiçal-o com o cabo Silheiro á sahida da bahia de Vigo ¹. Ora, como toda a gente sabe, a exceptuar os criticos sagazes, o cabo Silheiro á sahida da bahia de Vigo (*sic*) não volta para o septentrião, volta para o occidente, nem mais nem menos que o « tal Monte Dor ».

Agora as razões «em parte latentes»: é que Müllenhoff bem viu que os versos já alludidos « não podiam deixar de conter um nome proprio ». Assim Müllenhoff aceitaria a lição *Aryi jugum* pela impossibilidade de vêr na palavra *Arvi* um nome proprio. Mas que impossibilidade ha em vêr em *Arvi* um nome proprio? Na sabia Allemanha ninguem a descobriu; ahi temos Christ que preferiu a lição *Arvi jugum* a outra qualquer, considerando *Arvi* como um nome proprio ².

E aqui estão as razões em parte claras, em parte latentes, que moveram Müllenhoff a preferir a lição *Aryi jugum*, razões que a minha myopia me não deixou vêr, mas que o snr. Coelho apanhou no ar, por ser um espirito muito sagaz.

Mais provas d'esta ultima verdade. Porque preferi eu a lição *arvi jugum*? Porque me convinha. « Convinha ao interprete portuguez, escreve o sabio professor, que se lesse *arvi jugum*, sendo *arvi* appellativo, traduzindo elle a expressão por « promontorio da campina » ou « monte de campo » e collo-

¹ Aviso aos ingenuos. Müllenhoff não identificou o seu *Aryi jugum* com o cabo Silheiro, como faz crér o snr. Coelho. Se o illustre professor lêsse toda a pagina, d'onde extrahiu a citação comprovativa d'esta patranha, veria que o sabio allemão se afasta da opinião d'Ukert e a razão por que. Sim; mas se fossemos a lêr todas as paginas de todos os livros que citamos, os ingenuos não podiam pasmar da nossa vasta erudição.

² Na sua obra, *Avien und die ältesten Nachrichten über Iberien und die Westküste Europa's*. Este beocio é réo de quasi todas as paspalhices que o sabio professor critica com tanta sciencia e graça. Não só adopta a lição *Arvi jugum*, é verdade que com A grande, mas vê n'este promontorio e no que volta para o septentrião duas localidades diferentes, e não duvida localisar o seu *Arvi jugum* onde outros localisam o *Avarum* de Ptolomeu, na convicção de que ambos elles fazem um. O Avarum de Ptolomeu, localisa-o Freund no Monte Dor, seja dito como curiosidade.

cando o referido jugum entre a foz do rio Lima e a do rio Ancora, n'um sitio que elle conhece muito bem dos seus passeios ¹, e identificando-o com o Monte Dor, « cuja raiz o mar lava pelo poente, sendo por todos os outros lados rodeado de ferteis campinas ».

Isto é exacto, como algumas das tretas do honesto Iago. Identifiquei o *arvi jugum* com o Monte Dor por varias razões ² que o snr. Coelho esconde, elle lá sabe por que; e em vista d'ellas notando a « coincidência » (*sic*) entre a topographia d'aquelle monte « rodeado de ferteis campinas » e a denominação geographica, *arvi jugum*, se a interpretassemos como « promontorio da campina ou monte do campo », perguntava se não seria esta a verdadeira interpretação d'aquelle nome (o snr. Coelho tambem esconde cuidadosamente as reservas com que aventurei esta hypothese). Como não tenho a sagacidade do conspicuo professor, não descobri uma razão, aliás facil de descobrir, diz elle, e á luz da qual, pelos modos, a minha hypothese resalta em toda a sua feição parvoinha; bastava, para descobrir a sobredita razão, attender ao « uso do poema », que consiste em empregar nomes proprios e não appellativos na « determinação de cada jugum ».

Cá está outra vez o OEdipo da Furninha!

Quem lê a *Ora Maritima* para a entender e não para

¹ Vê-se que os meus passeios pela beira-mar, a proposito do estudo topographico da *Ora Maritima*, são para o snr. Coelho d'um burlesco sem igual. As minhas pobres explorações archeologicas já tinham servido de derriço á sua fina zombaria. Não sei se estas gracetas farão chorar os seus collegas do Curso Superior de Lettras. O caso é para isso.

² Eram ellas, entre outras, as que já tinha produzido Christ; a distancia de dois dias de navegação, a que pelo V. 172-3, ficava o nosso promontorio, contando do cabo da Roca, e que não permittia pensar n'um promontorio sobre o Mar Cantabrico (voltado ao septentrião); a distancia de cinco dias, a que pelo V. 162-4, ficava do Estreito de Gibraltar, facto que offerecia as mesmas ou maiores difficuldades; a grande probabilidade de que *Arvi jugum* d'Avieno e o *Avarum* de Ptolomeu fossem um e o mesmo, etc. Estas razões e todas as outras, menos uma — a que o snr. Coelho está escarpelizando — são absolutamente independentes do significado do nome, *convindo-me* tanto que se lesse Arvi com *a* pequeno ou com *A* grande, como Aryium, como o que se quizer. Mas o honesto Iago, digo o honesto professor, acha bom fazer acreditar ao seu publico que, se me não dá a veneta de passeiar pelo Monte Dor, nunca alli localisaria o negregado promontorio.

descompôr os que a estudam, sabe muito bem que o auctor do poema designa as localidades que nos descreve, ora com nomes proprios, ora sem elles. Exemplos d'este ultimo caso: ao golfo da Gasconha chama elle simplesmente grande golfo, *magnus sinus*; ás ilhas da bahia da Arosa *insulæ duæ*, e nada mais; ao cabo da Roca *prominens Ophiusæ in oras* (a sua Ophiusa estende-se desde o angulo do golfo da Gasconha até á bahia do Sado); á bahia do Tejo chama elle um *sinus*, sem nome proprio ou coisa que o valha, etc. Para atinar com estas localidades, é preciso trazer sempre o roteiro na mão, estudar os antecedentes e consequentes, cotejar as suas indicações topographicas com os differentes tratos da costa, a que podem quadrar, e ainda assim fica-se ás vezes como o doido no meio da ponte, sem saber que decisão tomar. Como explicar a anomalia de serem umas localidades indicadas com nomes proprios, outras não? A unica explicação racional para o segundo caso não pôde deixar de ser esta: a ignorancia. O auctor do poema, quando conhecia o nome proprio de qualquer localidade, dava-lh'o sem regatear; quando o não conhecia, está visto que lh'o não podia dar, e lá se arranjava como podia, com appellativos, com circumlocações, etc.

É isto o que se impõe necessariamente ao espirito de quem estuda o celebre poema com um tudonada de consciencia. O snr. Coelho descobriu coisa mais fina: o poema teria dois « usos » — um de nunca faltar com os nomes proprios aos bem-aventurados *juga*; outro de os sonegar aos golfos, ilhas, promontorios, provavelmente para fazer pirraça aos interpretes. Milita pelo menos em favor d'esta extravagancia a coincidencia de que todos os *juga*, mencionados na *Ora*, sejam designados com nomes proprios? O sagaz professor affirma que sim com a sua coragem do costume; mas o leitor pôde verificar que não faltam no poema *juga* sem nomes proprios ¹.

Ponhamos ponto a todas estas ratices. Se lhes demos um bocado de guita, foi para que os leitores podessem avaliar que torturas soffreria o poema d'Avieno, explicado por um interprete d'uma sagacidade tão patusca.

2.º *Os dados archeologicos, ethnographicos.* « Nenhum d'esses dados, rompe abruptamente o snr. Coelho, é sufficiente

Como pôde vêr-se, por exemplo, a V. 225-6; a V. 210; a V. 307.

para provar que os povos do norte do Tejo até á costa da Callæcia fossem ligures ». E fundamenta o seu aresto n'uma passagem de Cartailhac, cuja parte util é esta: « Parmi tous les matériaux préhistoriques que nous avons décrits, je ne vois rien à leur attribuer (aos Ligures). Les contrées qu'ils ont occupées n'ont rien de plus ni de moins que les autres ». Accentua o sabio snr. Coelho que entre os materiaes prehistoricos, a que se refere Cartailhac, se contam os descobertos na Citania (e em Sabroso, deveria accrescentar).

As opiniões de Cartailhac provam exactamente o contrario do que o snr. Coelho está a inculcar aos seus leitores.

Vai vér-se.

No capitulo da sua obra, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, intitulado *Ethnologie*, e do qual o snr. Coelho destacou a citação retrò, justifica-se Cartailhac por mais d'uma vez de não dar nomes proprios ás populações prehistoricas da Hispanha, nem mesmo os geralmente conhecidos d'Iberos, Ligures, Celtas, e isto por motivos que occupam nada menos que todo o capitulo.

Não lhes dá o nome d'Iberos, porque este nome parece ser mais uma denominação geographica, que outra coisa. De resto, nota elle, na área occupada desde tempos remotos pelos Bascos, com os quaes alguns ethnologos os têm querido identificar, não ha antiguidade alguma especial « verdadeiramente iberica ».

Não lhes dá o nome de Ligures pela razão já apontada acima, mas que só agora vai ser vista a uma luz sem morrão — porque « les contrées qu'ils ont occupées n'ont rien de plus ni de moins que les autres » — quer dizer, porque, sendo a archeologia da Liguria exactamente a mesma que a de todos os outros paizes, nomeadamente a Hispanha, tantas razões ha para attribuir aos Ligures os materiaes prehistoricos da península, como para lh'os não attribuir.

Não lhes dá emfim o nome de Celtas, porque, supposto se saiba que os celtas occuparam a Hispanha e se fundiram com os povos pre-existentes, ignora o auctor o que elles eram, d'onde vieram e quando vieram, advertindo comtudo que nas regiões da Hispanha, onde se diz que elles habitaram, nada ha que archeologicamente as distinga das outras.

Não obstante tudo isto, certo é que o distincto archeologo não acha, além dos Iberos (Bascos), Ligures e Celtas, outro povo a que possa attribuir os materiaes prehistoricos da península iberica, descriptos na sua obra.

Se pozermos de lado os Bascos, e não têm elles muito direito para se offender com isso, ficam os Ligures e os Celtas. O que Cartailhac entende por Ligures é muito claro no seu livro; mas o que entende elle por Celtas? Não é certamente o mesmo que entendem Jubainville e os ethnologistas da mesma escola, que só reconhecem como Celtas certos povos, aliás muito bem caracterisados, que apparecem na Europa cerca do seculo VII, a. C., quando muito; e a prova provada está em que Cartailhac não hesita em remontar a construcção de Sabroso ao seculo VIII ou IX¹ (sabe-se que nas nossas cidades pre-romanas se reproduz o typo d'esta povoação). Não é, pois, aos Celtas de Jubainville que elle podia alludir, e já pela razão exposta, já pelas suas referencias a Alexandre Bertrand, é facil de comprehender que são os Celtas d'este escriptor que Cartailhac tem em vista, quando põe em duvida se Sabroso e povoações similhantes podiam ser attribuidas aos Celtas. Ora os Celtas de Alexandre Bertrand não são outros senão os Celtas de Broca, os Ligures de Belloguet, como os seus Galatas não são outros senão os Celtas de Jubainville. De sorte que, apuradas as contas, os materiaes prehistoricos da Hispanha, taes como Sabroso e povoações da mesma especie, só podem, na opinião de Cartailhac, ser attribuidos ou aos Ligures propriamente ditos, ou aos Ligures de Belloguet; aos Galatas de Bertrand e aos Celtas de Jubainville é que de modo algum.

Mas é precisamente o que eu tenho sustentado sempre; e, se o snr. Coelho entende que as opiniões de Cartailhac não confirmam plenamente as minhas idéas, é porque ainda d'esta vez,

... il regarde sans voir.

Temos ainda os dolmens. Por mais d'uma vez expendi as razões que me levavam a crêr que estes monumentos foram obra do mesmo povo que construiu as povoações do typo de Sabroso e eram, como estas, documentos d'uma mesma civilização. Attribui-os por isso aos arias pre-celtas, a que chamei Ligures.

Não pôde ser, objecta o snr. Coelho; porque para Verneau a raça preponderante na peninsula, na época da pedra polida e ainda na do bronze, foi a de Cro-Magnan; é esta gente que teria sido a constructora dos dolmens da Hispanha e da Africa,

¹ Obr. cit., pag. 293.

embora na Hispanha tivesse recuado em parte diante da invasão dos Ligures, annunciados por V. Jacques no escripto tal e tal.

Em boa o metteram Verneau e V. Jacques! O snr. Coelho, tendo começado por acreditar que os dolmens eram celticos, «leu depois alguns dos principaes trabalhos recentes (estamos em 1870) ácerca dos monumentos megalithicos» e adoptou a opinião do Lyell, recuando-os á época da pedra polida, á época das palafittas. Agora os dolmens da Hispanha são obra dos Cro-Magnon, o povo-rei dos tempos quaternarios. O illustre professor n'isto de dolmens tem, como se vê, recuado sempre, mas, como se vê tambem, não pôde recuar mais, a não ir estre-munhar os anthropithecos. Dando porém outra investida aos trabalhos dos mestres da prehistoria, certo como as coisas certas, não queda na terceira opinião; não podendo recuar mais, tem de avançar, e ahi vai esbarrar-se com os Ligures, que os seus ultimos expositores estendem em fila cerrada atraz dos Cro-Magnon, sem deixar-lhe outro salvaterio, senão a hypothese de que esta gente aprenderia dos Ligures a construcção dos dolmens, como provavelmente aprendeu muitas outras coisas. Verdade é que, em vista do seu odio aos Ligures, eu não me admiraria que os sacrificasse aos anthropithecos.

Um outro erro meu, a proposito dos dados archeologicos, ethnographicos. «A opinião de que os povos aryas fossem os importadores do bronze para a Europa está muito longe de ter a base segura que lhe attribue o snr. Sarmento. A conclusão de A. Pictet tem sido rejeitada. Está-se hoje geralmente longe de admitir que os aryas ou indo-europeus primitivos conhecessem o bronze antes da sua separação. Schrader (apud Max Müller, segundo declara em nota o snr. Coelho) pretende que elles só conheciam o cobre. Max Müller inclina-se a que elles conheciam tres metaes: o ouro, a prata e o cobre».

Esta coarctada deve valer mais que os metaes nomeados para os biographos do snr. Coelho, por ser uma revelação ingenua do seu feitio moral. O conspicuo professor leu n'um livro de Max Müller que, segundo Schrader, os arias só usariam do cobre antes da sua separação; não conhece mesmo de vista, não pesou os argumentos produzidos por Schrader contra as opiniões de Pictet, opiniões que o proprio Schrader em 1890 diz serem as dominantes no mundo scientifico ¹. Não importa;

¹ O. Schrader, *Sprachvergleichung und Urgeschichte*, pag. 275. Em 1889 Jubainville ainda era do numero dos ignorantes, que liam pela cartilha de Pictet, como se vê na 2.^a edição da sua grande obra.

pega magestosamente na penna e escreve: « Está-se hoje geralmente longe d'admittir que os aryas ou indo-europeus primitivos conhecessem o bronze antes da sua separação ». Não é d'uma ingenuidade quasi virginal?

Isto não tira que o sabio professor não seja essencialmente o homem de Regnard, porque, admittindo a opinião de Schrader como um dogma, nada tem ella a vêr com a questão que o snr. Coelho queria combater — a importação do bronze para a Europa effectuada pelos povos arianos. Ninguem disse nunca que os arias fizessem pelo ar a travessia da sua velha patria para a Europa; é, pelo contrario, opinião corrente que tiveram de atravessar regiões, onde o bronze era conhecido desde épocas immemoriaes. O que o sabio professor tinha a provar, se reparasse para a sua these, é que os arias, tendo tido muita occasião de conhecer o bronze antes de chegar á Europa, foram tão brutinhos, que não viram as vantagens que d'elle podiam tirar, para se industriarem n'este ramo metallurgico. A prova devia ser curiosa; mas ficou no erudito tinteiro do snr. Coelho. Conclusão das sabias ethnologices e archeologices do snr. professor:

C'est un homme étonnant et rare en son espèce,
Qui rêve fort à rien et s'égare sans cesse...

3.º *Dados anthropologicos.* N'este ponto, « a conclusão a que se chegou é que desde antiquissimos tempos se cruzaram ou justapozeram aqui (na Lusitania romana e na Callæcia) diversas raças; ninguem achou entre essas, assim como nos typos modernos da população, o typo ligur ».

Em abono da sua sentença adduz a opinião de « duas auctoridades de primeira ordem », os respeitaveis auctores dos *Cranea Ethnica*, que dizem em summa: « Les preuves anthropologiques de l'existence des Ligures dans la peninsule Iberique sont absolument negatives ». Que pretenderá concluir d'aqui o conspicuo professor? Que é pelo menos problematica a existencia de Ligures na Hispanha, mesmo d'aquelles, em que ha pouco parecia acreditar sob a fé de V. Jacques? Mas, se a existencia de Ligures na Lusitania romana e na Callæcia é problematica, porque nenhum anthropologista achou aqui o typo ligur, problematica fica sendo tambem a existencia dos Celtas (os Galatas de Bertrand e dos *Cranea Ethnica*), porque tambem nenhum anthropologista achou ainda o typo galata, entre as raças que se cruzaram e justapozeram no nosso paiz. Nem Ligures, nem Celtas. Uma verdadeira razzia.

Mas ninguem achou na Hispanha o typo ligur? Lembrado de que deve collocar-se «no ponto de vista da sciencia pura» (mysteriosa confissão!), acha decente o snr. Coelho observar que V. Jacques (o mesmo que nos mostrou os Cro-Magnon expulso de parte da Hispanha pelos Ligures), examinando os «vestigios osteos», descobertos por Siret, muito depois da publicação dos *Craneae Ethnica*, falla «de relações entre um d'esses typos e o typo ligur». E conclue o sabio professor ao cabo de certas duvidas, que «se houve ligures entre as antigas povoações peninsulares, esse elemento parece ter sido muito pouco importante». Mais devagar. Não tão pouco importante, que não pozesse os Cro-Magnon fóra da Hispanha a toque de caixa, como suppõe o seu expositor.

Mas o que mais importa é tirar a limpo uma coisa: já sabemos que o snr. Coelho se colloca no ponto de vista da sciencia pura, quando observa que alguém achou o typo ligur na Hispanha; quando affirmou categoricamente que ninguem achou na Hispanha o typo ligur, estava collocado no ponto de vista de que? Da rabulice decerto. Se accrescentarmos que, conforme a declaração do sabio professor «os dados anthropologicos são muito escassos» entre nós, devendo dizer escassissimos, a conclusão mais favoravel que se tira de toda esta trapalhada, é que o snr. Coelho quer fazer rir a gente á sua custa.

E ahí vem outra. «A termos de dar fé aos anthropologistas, que, ao que parece, são os mais competentes em questões d'anthropologia, os homens da época de bronze na Grã-Bretanha não eram de modo algum ligures, como sonha o snr. Sarmiento».

Para esta investida pede o snr. Coelho o auxilio do anthropologista inglez Beddoe, copiando-lhe das suas *The Races of Britain* duas passagens, ás quaes alterou o numero d'ordem, não podemos perceber para quê.

A primeira passagem (não lendo o livro ás avessas) diz: «D'onde veiu essa raça? A sua grande semelhança com um typo que abunda nos tumulos da idade da pedra da Dinamarca foi notada por muitos observadores... Considerando este facto (ha aqui uma pequena fraude sem importancia de maior) á luz dos dados dos auctores classicos a respeito dos Cimbrí, o seu estabelecimento no ou cerca do Jutland e o seu movimento na direcção do sudoeste para a Gallia Belgica, é-se disposto a pensar que os craneos de Borrely (Borreby) podem ter pertencido a uma raça, senão identica, todavia proxima pa-

rente dos Cimbri, que teriam sido em parte subjugados, em parte expellidos por uma raça dolichocephala de conquistadores dinamarquezes ou anglos, e que podia ter achado o seu caminho para as ilhas britannicas, através da região do Rheno e da Gallia do Norte, adquirindo a civilização do bronze na sua marcha ».

Temos, pois que na opinião de Beddoe, opinião alumiada pela luz dos dados dos auctores classicos, os homens do bronze da Inglaterra (porque é d'elles que se trata) são os Cimbros, ou gente da mesma raça (os Cimbros são germanos), que expulsos da Jutlandia pelos dinamarquezes ou anglos (tudo isto passa-se no tempo da pedra polida), atravessaram para a Inglaterra, depois de se terem industriado na civilização do bronze pelas regiões do Rheno ou pela Gallia do Norte, onde, como se vê, habitavam os verdadeiros homens do bronze, que nunca se lembraram de passar à Inglaterra...

É esta a ultima palavra da sciencia, visada pelo sr. Coelho? «A hypothese de Beddoe, conclue elle, não parece segura». Phantastico! O sr. Coelho oppõe á minha hypothese a hypothese d'um sabio e, chegando ao fim da sua estrada massada, diz-nos que a hypothese do seu sabio não parece segura. Ainda fica a matutar se aquelle apontado de extravagancias, que nenhum ethnologista sério seria capaz de subscrever, é ou não uma hypothese segura. Os factos anthropologicos, explica o sabio professor... Os factos anthropologicos estão na segunda passagem (não lendo o livro ás avessas), que diz: «Viessem d'onde viessem, os homens da idade do bronze na Britannia eram muito bem dotados physicamente. Eram, por via de regra, altos e robustos; tinham cerebros desenvolvidos; as suas feições, embora um pouco asperas e grosseiras, devem ter sido viris e até imperiosas. O chefe de Gristhorpe, cujos restos estão no Museu York, deve ter tido o aspecto d'um verdadeiro rei dos homens, com a sua estatura athletica, a fronte larga, os sobrolhos salientes, as maxillas fortes e o perfil aquilino ».

Aqui está, pois, a prova provada de que eu *sonhei*, afirmando que os importadores do bronze na Inglaterra eram os Ligures de Belloguet, os Celtas de Broca. Ouçamos porém «duas auctoridades de primeira ordem», os respeitaveis auctores dos *Cranca Ethnica*, ha pouco tão venerados, e justamente, pelo conspicio professor. Discutindo uns typos brachycephalos, difficeis de classificar, escrevem os distinctos anthropologistas: «Cette forme craniéane a persisté au delà de l'âge de la pierre polie

dans les îles Britanniques. Par exemple, le crâne de l'âge du bronze de Stonehenge représenté ci-contre, est fort voisin des crânes masculins de Grenelle. Mais la juxtaposition dans cet archipel d'une autre race brachycephale assez voisine, d'origine Celtique, dès l'apparition des *rounds barrows*, rend très délicat le diagnostic, etc.» ¹

Para estas duas auctoridades, ha pouco de primeira ordem, os brachycephalos dos *rounds barrows*, os homens do bronze de Beddoe, são, como se vê, de *raça celtica* (os Celtas dos *Cranea Ethnica* são os Celtas de Broca, os Ligures de Belloguet, os meus Ligures emfim); mas o sabio snr. Coelho decreta que ellas estão agora a sonhar. A unica coisa que resta saber é se o illustrado professor, desprezando d'esta vez a opinião d'aquelles sabios, para se agarrar á de Beddoe, se colloca no ponto de vista da sciencia pura, ou se n'estas questões anthropologicas jurou metter os pés pelas mãos, e fazer rir os leitores mais sisudos.

4.º *Os dados glottologicos.* Visto o programma do snr. Coelho, o que havia a esperar que elle provasse n'este paragrapho era que não existiam vestigios da lingua dos Ligures nem na Lusitania, nem na Gallæcia. Se tal é o seu fim, e não deve ser outro, a demonstração não pôde encapotar-se em formulas mais sybillinas. Encontra-se ella n'estas duas proposições: « Não está provado que a lingua dos Ligures tivesse relações estreitas com os dialectos neo-celticos, a ponto d'estes deverem ser considerados como representantes d'essa lingua ». « Provou-se directamente no artigo anterior que as linguas neo-celticas provêm em verdade da lingua ou linguas dos antigos celtas, incluindo os galatas da Asia menor ».

Isto traduzido e commentado em harmonia com o seu programma, deve querer dizer — tendo eu (o sabio professor) provado que as linguas neo-celticas provinham da lingua dos Celtas, incluindo os Galatas da Asia, e explicando-se o onomastico da Lusitania e Gallæcia pelo neo-celtico, nenhuma duvida pôde haver em o attribuir aos Celtas, emquanto que os Ligures estão fóra de qualquer concorrência, visto não estar provado que a sua lingua tenha estreitas relações com o neo-celtico.

Descobre-se á primeira vista que esta argumentação manqueja d'uma das pernas, e logo se verá que manqueja tambem

¹ *Cranea Ethnica*, pag. 144.

da outra, que parece firme. Para acertar limpamente no alvo, não basta que o sabio professor insinue que não está provado não ter o ligur relações estreitas com o neo-celtico, etc., seria preciso insinuar pelo menos que estava provado não as ter.

Occupemo-nos com esta nevoenta argucia sem a precipitada azafama do snr. Coelho, notavel azafama em quem costume desperdiçar tempo com verdadeiras frioleiras.

E, para procedermos com ordem, fallemos primeiro do arianismo da lingua dos Ligures. Para insinuar que não está provado o arianismo da lingua dos Ligures, soccorre-se o snr. Coelho á auctoridade do « proprio snr. d'Arbois de Jubainville », reproduzindo uma passagem, em que o auctor de *Les Premiers habitants de l'Europe* escreve que — *se não pôde estabelecer esta these pelos methodos da linguistica.*

Ha com certeza aqui um *lapsus calami*, de que se aproveitou a hermeneutica rabina do snr. Coelho. Como explicar sem isso que um mesmo pensador dissesse nos principios do seu livro que *se não podia*, que *não era possível*, estabelecer pelos methodos da linguistica o arianismo do ligur e nas paginas seguintes produzisse argumentos glottologicos em favor d'aquella doutrina — argumentos, que por signal o snr. Coelho frechou com uns pontos d'admiração, já claros, já latentes? É da primeira intuição que ninguem tenta estabelecer o que positivamente declarou que não pôde estabelecer-se.

A penna atraçou o pensamento do distinctissimo escriptor, é certo, e o snr. Coelho percebeu-o certissimamente; mas não resistiu á sua fada, não resistiu ao prazer de mexericar com um descuido, para que os estrangeiros ficassem sabendo por experiencia propria que não foi sem motivo que eu fallei da sua hypercritica lareira. Muito obrigado.

De resto « o proprio snr. d'Arbois de Jubainville », que leu os dois primeiros numeros do libello do snr. Coelho e por elles apreciou a materia dos autos da minha demanda¹, vem aclarar este caso escuro.

¹ D'onde resultou que M. d'Arbois de Jubainville affirma que sustentou duas theses, ambas ellas inadmissiveis. Primeira: « La première est que les langues dites néo-celtiques derivent du ligure (do Mediterraneo), et que par conséquence les noms propres de la péninsule iberique que s'expliquent par les langues néo-celtiques sont li-

O arianismo dos Ligures, diz elle, é uma « doctrine que ne sera démontrée tant qu'on n'aura fait le triage des noms celtiques et des noms ligures de l'Italie et de la Gaule ».

M. de Jubainville, como eu suppunha, não auctorisa ninguem a attribuir-lhe a opinião de que não possa estabelecer-se pelos methodos da linguistica o arianismo do ligur; o que elle pensa, salvo o erro, é que, sem fazer-se o destrinço dos nomes celticos e liguricos da Italia e da Gallia, não ha dados bastantes para convencer os incredulos de que tal lingua é ariana, devendo acreditar-se que não mudou de convicções, nem quanto á lingua, nem quanto á nacionalidade dos Ligures, que tem por indo-europeus, com applauso d'um sabio que não é dos melhores de contentar ¹.

O snr. Coelho incommodou portanto inutilmente o distincto sabio e obrigou-me tambem a escrever muitas palavras inuteis.

Deveria limitar-se aos argumentos indirectos. « Argumentos indirectos — diz — concorrem para mostrar que o ligur devia ser uma lingua muito differente (do neo-celtico) ».

Vejamos. Os argumentos indirectos escondem-se nos vestigios da lingua dos Siculos, que são Ligures « segundo geralmente se admite e o proprio snr. Sarmiento quer ». Os vestigios da lingua dos Siculos consistem em algumas poucas palavras, sobre as quaes os linguistas têm exercido a sua sagacidade, sustentando uns que são siculas, outros que não, que são latinas, importadas para a Sicilia pelos mercadores da Italia. Esta ultima opinião, que é a d'Helbig, recebeu o visto do snr. Coelho ², e das suas palavras deveria concluir-se que

gures d'origine ». Eu nunca disse similhante coisa. A minha segunda these seria a « velha doutrina » d'Holtzmann, que os Celtas são Germanos. Ha só meia verdade n'esta affirmativa. M. Jubainville não percebeu decerto que o escripto do snr. Coelho é uma obra de diffamação. Allude tambem á minha apostasia, servindo d'echo ao snr. Coelho. Não tinha feito caso d'esta denuncia inquisitorial, tão fossil me parecia ella; mas, visto isso, hei de historial-a um dia. Talvez que os celtistas não lucrem muito com a minha confissão publica.

¹ Vid. *Revue Celtique*, III, pag. 438, onde M. Gaidoz, fallando das « opiniões novas e que parecem solidamente fundadas » (as que M. de Jubainville expunha na primeira edição da sua obra, *Les premiers habitans de l'Europe*), acrescenta logo: « C'est ainsi qu'il a rendu vraisemblable la nationalité indo-européenne des Ligures ».

² « Como bem viu Helbig » — diz o snr. Coelho com toda a seriedade.

O. Müller é do mesmo parecer. Nada d'isso. O. Müller sustenta idéas diametralmente oppostas á opinião d'Helbig, visada pelo snr. Coelho, e, o que mais importa accentuar, não pôe duvida em admittir que a lingua dos Sículos fosse ariana ¹. J. Loth, que se inculca intimamente familiarisado com os mais recentes trabalhos sobre a philologia classica, escrevia ainda ha poucos mezes: « Pour les Sicules, le peu que semble rester de leur langue paraît indiquer une parenté avec le latin » ². E a verdade é que nas antigas tradições, Sículos, Ligures, Latinos andam de tal sorte confundidos, que o seu intimo parentesco ha de parecer a muitos modernos coisa tão corrente, como o parecia aos antigos. Deve notar-se que o proprio Helbig encontrou palavras siculas, que só têm o defeito de « não poderem ligar-se ao celtico »; são arianas, é de vêr.

A conclusão de tudo isto é que os investigadores, chamados á autoria, vêem no siculo uma lingua árica, com maximas probabilidades de pertencer ao grupo italico ³. Como os Sículos são ligures, « segundo geralmente se admitte », o veio dos argumentos indirectos descobre-nos em primeiro logar, que a lingua dos Ligures era ariana e provavelmente um dos componentes do grupo italico. E acha o snr. Coelho que está bem servido, e eu muito mal, com os seus argumentos indirectos? Para pôr o celtismo em ehech e mat basta-me a concessão de que os Ligures fallavam uma lingua ariana, seja ella de que ramo fór. De demonstrar a sua existencia no norte do Rheno, na Inglaterra, no occidente da Hispanha, muito antes dos Celtas, d'isso me encarrego eu. E certo é que, se não está provado que o ligur fosse uma lingua ariana e provavelmente do grupo italico, não sómente o contrario não está provado, mas quasi que não tem cotação na praça scientifica. E agora mostram os argumentos indirectos que o ligur devia ser « muito differente » do neo-celtico? Se o ligur pertence ao ramo italico, como se viu ser muito provavel, e se os mestres nos não enganam, ha de succeder o contrario do que inculca o snr. Coelho. Não estará estabelecida, ensinam elles, a communitade de duas linguas europêas (arianas), devida, já se entende, á convivencia intima de dois grupos ethnicos que mais

¹ O. Müller, *Die Etrusker*, I, de pag. 2 a 36 (2.^a edição).

² *Revue Celtique*, XI, pag. 233, nota.

³ A etymologia mesma do nome dos Sículos, admittida já por Mommsen, *Hist. Rom.*, I, pag. 28 (traducção franceza), não é para desprezar. O deus dos Sículos era Saturno, o Saturno do Lacio.

tarde se separassem; ha porém uma excepção, precisamente a favor da hypothese italo-celtica, que está em graça no espirito dos linguistas, com tendencia para alta ¹. Segundo esta hypothese, que *mutato nomine* é a minha, os povos italiotes (entre os quaes contaremos os Ligures do Mediterraneo) conviveriam estreitamente com os Celtas (eu dizia — arias x = Ligures) no alto Danubio (Jubainville), fallando uma mesma lingua e só depois da sua separação, e por effeito d'ella, sobrevieram as differenças, aliás inevitaveis, que assignalaram mais tarde os dois ramos linguisticos. Como podem elles ser « muito differentes », se muito maiores que as suas differenças devem ser as suas analogias? É abusar desmedidamente da significação das palavras.

Não me faltavam, pois, razões para affirmar que a argumentação do sabio professor coxeava d'uma das pernas. Nem está provado que o ligur não seja uma lingua árica, antes é muito de presumir que o seja e que pertença ao ramo italiote, e n'esta hypothese, longe d'estar provado que seja muito differente do chamado neo-celtico, deve ter com elle tão estreitas relações, como os outros dialectos italicos.

É isto com relação aos Ligures do Mediterraneo, que com os Italiotes desceram para o sul. Que diremos dos Ligures do Rheno, da Inglaterra, que se ficavam com os pseudo-celtas e se encaminharam com elles para o poente, que é a minha hypothese? ²

É chegamos ao segundo argumento, ao grande argumento, que o illustre professor nos dá por tão solido, como um castello roqueiro: « Provou-se directamente no artigo anterior que as linguas neo-celticas provêm em verdade da lingua ou linguas dos antigos celtas, incluindo os galatas da Asia Menor ». Completemos o raciocinio: Ora o onomastico da Lusitania e da Gallæcia explica-se pelas linguas neo-celticas; logo só pôde ter sido obra dos Celtas e de mais ninguem.

É um syllogismo correcto e realmente roqueiro, se a sua

¹ K. Brugmann, *Grundriss der vergleichenden grammatik*, I, pag. 3.

² Na hypothese dos celtistas os Celtas ficaram alguns seculos meio emboscados pelo Alto Danubio, sem dar rumor de si, até que no sec. VII, a. C., se desentranhariam em correrias freneticas pela Europa e ainda pela Asia Menor, tornando a sumir-se, ou quasi, ao fim de dois seculos. Durante este espaço de tempo é que semeariam a sua lingua, que em toda a parte pegou, menos na Asia Menor.

premissa maior não toasse a ócco. Sim, se o snr. Coelho no artigo anterior tivesse provado directamente, ou mesmo indirectamente, que as linguas neo-celticas provinham em verdade da lingua ou linguas dos antigos Celtas, poderia talvez enleiar alguns leitores; mas muito lembrados devem elles estar que no artigo anterior o que elle fez foi tentar provar que alguns nomes dos Galatas da Asia Menor se podiam explicar pelo chamado neo-celtico, tendo de esgrimir a cada passo com graves auctores, que os explicam pelo germanico. Demais, é muito obvio que não ha outra maneira de provar que o chamado neo-celtico, isto é, a lingua fallada hoje pelos Irlandezes, Cambrios, etc., é a lingua dos Celtas, senão provando que os Irlandezes, Cambrios, etc., ou são Celtas, ou povos celtisados. Ora o conspicuo professor não sómente se não deu nunca a este trabalho, mas, o que seria para admirar mesmo n'um hypercritico menos perfeito, nem sequer se deu ao trabalho de discutir os argumentos, em que me tenho fundado para sustentar o contrario.

Não vou fazer aqui segunda edição dos meus argumentos, nem puxar pela manga a um professor do Curso Superior de Lettras, que se faz surdo nas melhores occasiões.

Prefiro antes admirar sobre que ponta d'agulha se equilibra a sua rotineira doutrina. Os Lusitanos e Gallegos são Celtas, porque o seu onomastico é celtico. Mas porque é celtico o seu onomastico, se a celtisação da Lusitania e da Galiza é desmentida pela historia, pela archeologia, etc.?¹ Porque o dito onomastico se explica pela lingua dos Cambrios e dos Irlandezes, que são Celtas. Mas porque são Celtas os Irlandezes e os Cambrios, se tanto a sua origem celtica, como a sua celtisação, são desmentidas pela historia, pela archeologia, pelas indicações anthropologicas, que dos ultimos nos deixaram os antigos?² Porque alguns nomes dos Galatas da Asia, Celtas, se podem explicar pela lingua dos Cambrios e dos Irlandezes.

Esmiuça-se este unico argumento e vê-se que os linguistas são os primeiros a confessar que alguns nomes galatas, os seus radicaes e suffixos, se podem tambem explicar pelo germanico. Estuda-se a historia dos fiascos dos celtistas e vê-se que por mais d'uma vez, n'este *embroglio* celto-germanico,

¹⁻² De estabelecer estes factos tratavam os argumentos, de que fallei atraz.

têm comido gato por lebre, não sendo para estranhar que nos dêem agora lebre por gato, embora com as melhores intenções. Por exemplo, algumas palavras, contidas nas formulas de Marcello burdigalense, já eram celtas na opinião d'alguns linguistas, e Zeuss, e mais era Zeuss, recusou-se por muito tempo a reconhecê-las como taes; e todavia eram-n'o. Algumas palavras, contidas nas glosas de Malberg, foram declaradas celtas pelos celtistas; Grimm provou que eram germanicas.

Os celtistas, que na decifração dos nomes proprios galatas são uns verdadeiros videntes, andam ha uns poucos d'annos a traduzir de varios modos as chamadas inscripções gaulezas, sem que até hoje tenham adiantado um passo, como, haverá um anno, escrevia Mowat, não faltando tambem quem as tenha querido traduzir pelo germanico. Verdadeiros videntes nos nomes proprios; ora os nomes proprios, como já sustentava Kunssberg e o repete Brugmann, não são o melhor fio d'Ariadne n'este labirinto de linguas velhas.

Por esta amostra, claro está que a sciencia historica, a archeologia, a anthropologia, etc., quando têm excellentes razões para acreditar que os Lusitanos e Gallegos, Irlandezes e Cambrios nem são Celtas, nem celtisados, não hão de ficar pasmadas diante da patusca objecção de que alguns nomes galatas se podem decifrar pelo chamado neo-celtico.

Continuemos.

O cnomastico da Lusitania e da Gallæcia é celtico, porque o sabio professor provou directamente (*sic*) no artigo anterior, etc. Ligur de modo nenhum. Não ha duvida que alguns philologos têm achado «surprebendentes analogias entre o dialecto genovez e o gallego e o portuguez»; outros têm achado n'elle «relações particulares»; mas lá vem um ultimo, que desfaz esta teia, até que appareçam outros que a refaçam. Tambem não ha duvida que na Hispanha antiga, ao sul do Tejo, havia um *Vipasco*, «que parece ligar-se ao ligur» pelo suffixo *asco*, suffixo «que parece o mesmo que se acha em diversos nomes proprios e appellativos modernos hispanhoes e portuguezes». Mas isto e nada é tudo um. Além de que vai uma differença enorme do parecer ao ser, estes suffixos liguricos são d'uma tal raça, que só nos serviriam para desencantar celtas. Chega a parecer mentira; mas é a verdade pura. Apertem, por exemplo, com *Vipasco*, com *penhasco*, com *pinasco*, e tirem-lhe o suffixo; ficam palavras, cuja celticidade os linguistas nos demonstrarão por a + b. É muito para desconfiar

depois d'isto que o destringo dos nomes celticos e liguricos da Italia e da Gallia dê resultados mais que duvidosos, emquanto se não descobrir a verdadeira razão por que estes maniacos Ligures, tão azafamados em mudar os suffixos aos nomes que os estrangeiros lhes mettiam em casa, tão pouco zelosos eram da sua toponymia propria, que se chega mesmo a duvidar se a tiveram algum dia. O caso é que, a acreditar os celtistas, o Vipasco, penhasco e que taes, quando muito, só nos levariam á descoberta d'uns sujeitos *parlando medio francez*, — gente muito suspeita que o snr. Coelho fez muito bem em enxotar para longe da nossa terra.

E a proposito, ou a desproposito, porque ha n'isso duvidas, exclama: «É estupendo como ainda hoje se repetem invenções sem base ácerca de relações de linguas. Assim, o snr. Sarmento não hesitou em reproduzir de Diefenbach a anecdota absurda d'uma dama de Galles que teria encontrado n'um bazar em Argel gente do interior da Africa, cuja lingua ella comprehendeu com o auxilio do cambrico!»

Na persuasão de que os leitores não avaliariam bem a extensão d'esta parvoçada, explica: «Aquella gente devia ser (no espirito do snr. Sarmento) restos de ligures que por lá teriam ficado de remotissimos tempos, d'esses tempos, em que o snr. Sarmento vê tudo com assombrosa clareza». Isto escreve o impávido professor a pag. 160 do seu libello. Volte o leitor á pag. 157 do dito, e lá encontrará que no espirito do snr. Coelho entrou com a maior facilidade a idéa de que os Cro-Magnon, muito mais velhos que os Ligures, ainda têm hoje representantes na Africa. A idéa de que os possam ter os Ligures, ahí estabelecidos desde menos «remotissimos tempos», essa é que lhe não entra. Quer dizer, no espirito do snr. Coelho entra e não entra a idéa da persistencia das raças, e com tão estupendo espirito ninguem mais no caso de chamar ignorante e imbecil ao mundo inteiro, e nomeadamente a dois sabios francezes, nos quaes propriamente acerta esta pancada de cego. Porque, dando o seu a seu dono, devo dizer que estes Ligures da Africa me foram apresentados por Belloguet, impressionado pelas observações d'um anthropologista notavel, Bodichon, o qual, intimamente familiarisado com certos Berberes e com os Bretões, encontrou entre elles surprehendedentes analogias, tanto no physico como no moral. É verdade que então ainda não estavam descobertas as bases das sciencias ethnicas, que são uma das glorias do snr. Coelho.

Continúa elle com a sua explicação: «mas o mais extraor-

dinario (ainda mais extraordinario que a persistencia das raças) é que, apesar das profundas transformações por que passou o cambrico e por que devia ter passado o tal seu parente hypothetico d'África, ainda essa dama se entendeu com os mysteriosos africanos, como no *Homme qui rit*, de Victor Hugo, uma irlandeza e uma biscainha se entendem perfeitamente, fallando cada uma a sua lingua ».

Devemos acreditar que no privilegiado espirito do sr. Coelho entrou a idéa de que um sabio como Diefenbach sustentou os absurdos, que ahi ficam estendidos a martello? Mas este Diefenbach, ignorando o trivialissimo e velhissimo principio da transformação das linguas, e ignorando-o a ponto de crêr na perfeita identidade de duas linguas, enormemente separadas pelo espaço e pelo tempo, é uma invenção, que, se tivesse de provar a imbecilidade d'alguem, provaria unicamente a do inventor. Se o sr. Coelho falla sério... mas seria estupendo de mais. Da anedota de Diefenbach, o que se infere, não recorrendo á hermeneutica da bisbilhotice, é esta coisa simplicissima:—que uma dama de Galles, comprehendendo com o auxilio do cambrico algumas palavras pronunciadas por uns indigenas da Africa, achou o caso tão digno de menção que o vulgarizou, e depois d'ella outros escriptores fizeram o mesmo.

Eu tambem o citei, sem afirmar que o acreditava ou deixava de acreditar, e citava-o a par d'outros ¹, tão problemáticos como este, para concluir que todos elles eram factores d'um enigma, que tinha causado impressão a muito boa gente e a mim tambem. *Enigma*, escrevia eu com todas as letras—o que, traduzido pelo sabio professor, significa que vejo estas coisas « com assombrosa clareza ».

Não acreditasse eu que o conspicuo professor se julga obrigado a sacrificar tudo á sua sanha de libellista, que francamente, todo este incidente de coisas estupendas me forçava a dar-lhe o conselho de consultar um especialista.

5. *Os dados chronologicos*. Copio textualmente quasi todo o paragrapho, porque a traducção, por mais fiel que fosse, poderia parecer uma calumnia: « A passágem hesiodica

¹ Taes como a notavel semelhança entre os monumentos megalithicos e outras velharias do norte da Africa e os do norte da Europa; os nomes celticos, que segundo Pictet se encontravam por aquella região, etc.

(*Fragm.* 132, ed. Didot), em que alguns se fundam para povoarem de ligures todo o occidente, tem tanto valor como a denominação Togal (Portugal) por Europa, usada no Senegal, ou de Francos por europeus no Levante... Aquella primeira passagem só prova a meu vêr, que o primeiro nome ethnico que chegou aos ouvidos dos poetas beocios, partindo do Mediterraneo, foi o de ligures, que elles suppozeram habitarem todo o occidente e estenderem-se até ao norte da Europa, de que esses poetas tinham apenas vaguissima noticia. É um processo que se tem repetido innumeradas vezes. Mais tarde descobrindo os gregos iberos e celtas, onde só suppunham haver ligures, inventavam lendas de combates de que resultaria a expulsão dos ultimos de taes e taes logares. Com effeito, quem conservaria a memoria d'esses combates e porque meio chegava essa memoria ao conhecimento dos gregos? Os gregos fizeram a historia e a chronologia por processos muitas vezes ingenuos; compete-nos penetrar no mecanismo psychologico d'esses processos e descobrir a realidade que possa estar por baixo. É difficil, porque a mania mythoepica é uma doença eterna do espirito humano, embora se transforme. Quer-se collocar alguma coisa no vasio das épocas remotas, ainda que não seja senão um phantasma ».

Com certeza o sabio professor, além de todos os merecimentos que o distinguem, é um espirito gigantescamente revolucionario. Se por um lado reduz a uma cáfila de ignorantes e de imbecis os sabios que estavamos habituados a respeitar, por outro, elle ahi se sae com a reabilitação dos beocios, que eram até hoje a imbecilidade personalisada. A influencia que lhes attribue sobre a ethnologia, embora phantastica, do extremo occidente, é sufficiente para nos mostrar n'estes calumniados beocios a unica gente da antiguidade capaz de enfiar um camello pelo fundo d'uma agulha e de embaçar o resto do mundo. Bastou que se lembrassem de suppôr que os ligures habitavam todo o occidente e o norte da Europa, para que até os Phenicios, que não passavam por tolos e conheciam *de visu* aquellas regiões, comesassem a vêr Ligures pelo occidente e pelo norte da Europa. Por exemplo, o periplo phenicio, de que temos fallado muitas vezes, conhece, como vimos, uns Ligures no sudoeste da Hispanha; outros Ligures na parte mais septentrional da peninsula (na actual Galliza); ainda outros no sudeste da Inglaterra, e estes, accrescenta elle, tinham habitado primeiro no norte da Europa continental, d'onde os Celtas os haviam expulsado, depois de aturados combates.

Tudo influencia dos beocios.

Na historia a mesma ou mais profunda influencia, sempre intrujôna, bem entendido; os combates e luctas dos povos occidentaes (por exemplo, dos Celtas e Ligures, de que nos fallou o phenicio), a expulsão d'uns, a dominação d'outros, são obras de patranheiros, mas sempre influenciados pelos beocios. E o snr. Coelho previne toda a objecção possível com um tapa-bôcas irresistivel: «quem conservaria a memoria d'esses combates e porque meio chegaria essa memoria ao conhecimento dos gregos?» Ninguem responde, está visto; e com a influencia beocia e os processos ingenuos dos Gregos, a resposta é facil. O que falta sómente, é penetrar no mecanismo psychologico d'esses processos e descobrir a realidade do que está por baixo, como observa judiciosamente o profundo pensador. A coisa não é facil como parecia acima, porque a mania mythoepica vem atrapalhar tudo, collocando no vasio das épocas remotas tudo quanto lhe parece, ainda que seja um phantasma.

Ficamos adiantados. Sempre é obra de beocios e basta.

As eruditas hypotheses do sabio professor bastam tambem, creio eu, para convencer o leitor, um pouco familiarisado com estes assumptos, de que o profundo pensador está tão habilitado a entrar n'elles, como qualquer dos seus beocios. É hoje corrente e moente que as noticias sobre o extremo occidente e o Mar do Norte, espalhadas pela velha litteratura grega, chegaram aos ouvidos dos Gregos por intermedio dos Phenicios, que frequentavam aquellas paragens; Strabão já repisa n'esta idéa e não foi o primeiro a repisal-a. Supposto estas noticias fossem desfiguradas de varios modos, são ainda assim uma mina riquissima de informações, desde que a critica separa o trigo do joio e consegue demonstrar-lhe a realidade historica.

Estas opiniões, repetimos, passam por correntes e moentes e seria mesmo indecente gastar tempo em provar-lhes a inabalavel solidez.

Se o profundo pensador prefere a companhia dos seus beocios, está no seu direito. Eu, para que não haja beocios de mais, deixo-o por ágora e prefiro meditar n'uma das maximas da sabedoria popular.

F. MARTINS SARMENTO.